

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CECILIA MANGINI
25 de outubro de 2021

DUE SCATOLE DIMENTICATE / 2020

um filme de Cecilia Mangini e Paolo Pisanelli

Realização e argumento: Cecilia Mangini e Paolo Pisanelli / **Fotografia:** Paolo Pisanelli / **Som:** Simone Altana / **Montagem:** Matteo Gherardini / **Música:** Admir Shkurtas / **Efeitos Visuais:** Ivan Tozzi.

Produção: OfficinaVisioni / **Cópia:** DCP, 59 minutos, legendado em inglês e eletronicamente em português / **Estreia Mundial:** Festival de Cinema de Roterdão, 24 de janeiro de 2020. Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

Com a presença de Paolo Pisanelli

Nascido da relação de amizade entre dois documentaristas separados por quase duas gerações, **Due scatole dimenticate** (que poderíamos traduzir por “Duas Caixas Esquecidas”) assinala o início de uma série de colaborações entre Cecilia Mangini e Paolo Pisanelli que só terminaria com a morte da realizadora no início deste ano (o último filme co-realizado por ambos, **Il mondo a scatti**, seria finalizado apenas por Pisanelli), a qual se traduziu não apenas em filmes mas também em exposições e edições a partir do trabalho fotográfico da cineasta nos anos 1950 a 1960. Mesmo nos filmes feitos a meias com Pisanelli, a fotografia - primeira paixão e profissão de Mangini - acaba por ser o centro organizador, permitindo conhecer melhor essa sua faceta criativa, relegada para segundo plano após a entrada mais plena no cinema a partir de 1958, e a sua importância “formativa” para a então futura cineasta.

Sendo essencialmente dois retratos de Cecilia Mangini e da sua relação com a fotografia, **Due scatole dimenticate** e **Il mondo a scatti** seguem por vias ligeiramente diferentes. Se o segundo é como que um *last hurrah* da extraordinária mulher e artista que foi Mangini, acompanhando-a à volta do mundo enquanto ela fala do seu trabalho no cinema e na fotografia, ao sabor de vários encontros (como o momento em que conhece pela primeira vez Agnès Varda, ambas já passadas os 90 anos, e conversam animadamente sobre a complexidade da relação entre realidade e representação) em que ela revela toda a juventude da sua inteligência e sensibilidade (e ouvir o verbo fácil, arguto e elegante de Mangini é um dos principais motivos de interesse dos dois filmes), o primeiro está ancorado num assunto e num período mais específico do percurso de Mangini. O ponto de partida de **Due scatole dimenticate** é a descoberta no seu apartamento de duas caixas com negativos de fotografias feitas no Vietname em 1965, aquando da viagem de Mangini e do seu companheiro, o realizador Lino Del Fra (cujo trabalho se confunde com o seu dado que, mesmo quando não assinaram a realização a quatro mãos, várias vezes entrevistaram nos filmes um do outro) a esse país. Então a viver ainda uma guerra acesa contra os Estados Unidos, o Vietname era (tal como tinha acontecido com a Espanha durante a guerra civil nos anos 30) o ponto de

confluência de muitos intelectuais ligados aos partidos de esquerda e interessados em contribuir para a sensibilização da opinião pública mundial para a causa da libertação do povo vietnamita perante o então chamado imperialismo americano. Cineasta desalinhada de qualquer partido (já no final da vida, definia-se simplesmente como anarquista e anti-colonialista), mas naturalmente bastante próxima das causas sociais e políticas dos movimentos de esquerda, Mangini chega a Hanói com Lino Del Fra e aí permanecem durante três ou quatro meses com a intenção de fazerem um filme documental sobre o conflito. Essa viagem, que funcionaria como *repérage*, traduziu-se em centenas de fotografias de Mangini e num caderno manuscrito com notas de Del Fra sobre as impressões dessa experiência, mas o projecto do filme acabou por não se concretizar (por razões que **Due scatole dimenticate** também não chega a esclarecer completamente) e os dois registos ficaram esquecidos durante mais de 50 anos no apartamento do casal.

Do confronto de uma Mangini visivelmente envelhecida (veja-se a insistência no filme em grandes planos que transformam o seu rosto marcado pelos sulcos das rugas numa espécie de "paisagem") com esses materiais ressuscitados do passado nasce **Due scatole dimenticate**. Usando-os, a par das recordações que nela vão provocando no presente, como matéria-prima principal (e essas imagens esquecidas e a leitura das impressões escritas por Del Fra constituem o mais interessante da proposta deste filme), **Due scatole dimenticate** provoca a anamnese de um tempo remoto ("são as fotografias que me fazem lembrar das coisas porque eu estou a perder a memória") e cria as condições para que Mangini "acabe" esse filme que não chegou a existir. Não pouco marcada por um sentimento de nostalgia (não apenas de uma época em que se acreditava plenamente nos "amanhãs que cantam", mas também da sua própria juventude física e mental), esta experiência de revisitação funciona também como uma espécie de ante-câmara da despedida de Mangini do cinema e da vida - de que o filme já póstumo **Il mondo a scatti** selaria a conclusão -, numa bela e comovente homenagem de Pisanelli à cineasta (apesar de co-realizados, será porventura mais justo dizer destes dois filmes que são retratos por Pisanelli mais do que "auto-retratos" de Mangini, o que implicaria um narcisismo de que ela foi completamente insuspeita), a qual sublinha a importância para os nossos dias da profundidade e da integridade do seu olhar quer como fotógrafa quer como realizadora.

Nuno Sena